

Posfácio

Conheço o Ilídio há muitos anos, em primeiro lugar por o ter encontrado no campus universitário principal de Coimbra, não sei se ainda no Arquivo da Universidade, paredes meias com o Departamento de Física onde eu trabalho há décadas, ou já depois no Serviço de Publicações e Documentação da Universidade, onde ele entrou em 1992, e em segundo lugar, circunstância bem mais importante, por ter convivido com ele na Associação de Pais da Escola EB2/3 Dr.^a Maria Alice Gouveia em Coimbra, onde o meu filho frequentou o segundo e terceiro ciclos da escolaridade básica. Com efeito, o meu filho Luís, nascido em 1993, é da mesma idade de um dos filhos do Ilídio, o Duarte, e os dois não só foram colegas naquela escola como ficaram amigos. De facto, a relação é mais íntima: quando o Luís, já numa idade escolar, pediu para ser baptizado, escolheu para padrinho de baptismo precisamente o Ilídio. Fui eu que transmiti o convite e lembro-me bem que, do outro lado, do fio telefónico, não houve a mínima hesitação. Pois foi com gosto recíproco e fortalecido nos nossos encontros que ficámos compadres. A casa do Ilídio era contígua à escola da EB2/3 Dr.^a Maria Alice Gouveia e acontecia muitas vezes, na primeira década deste século, que o Luís ficava em casa do padrinho para almoçar, sendo tratado como um dos seus quatro filhos.

Entre as actividades da Associação de Pais ficaram-me na memória as festas do fim do ano lectivo, nas quais os infantes aproveitavam os primeiros calores do estio para se refrescarem na praia fluvial do rio Mondego, no Zorro - Freguesia das Torres do Mondego, para depois o encontro acabar, em convívio das várias famílias, à volta do jantar composto de iguarias trazidas e partilhadas por todos. A Lua estava alta sobre as águas do rio e os nossos espíritos estavam também altos por os nossos petizes terem completado com êxito mais um ano escolar.

O Ilídio é portador de deficiência, que vem, como tão bem conta neste livrinho, de uma infecção de poliomielite que apanhou na infância, pouco antes dos dois anos, quando começava a andar. Só soube da história completa após a saborosa leitura desta

obra. É uma história exemplar, não só pela coragem e determinação do próprio, como pela ajuda por parte de uma família numerosamente fraterna (o Ilídio tem uma dúzia de irmãos) e de amigos. Este livro é um agradecimento muito sentido do autor à família e aos amigos, tendo como pretexto os 50 anos do Plano Nacional de Vacinação, que permitiu erradicar o flagelo da poliomielite entre nós. Mas este posfácio não pode deixar de ser um agradecimento ao Ilídio por ele ser quem é, por sempre me ter honrado com a sua amizade e por ele ter mantido, embora o Luís esteja neste momento e estudar Engenharia em Lisboa enquanto o Duarte está a estudar Arquitectura em Paris, um contacto assíduo com o afilhado. Os filhos cresceram e a nossa amizade foi crescendo com eles. Depreende-se do livro, mas, se for preciso um testemunho de alguém que conhece o autor, só posso dizer que o Ilídio venceu – aliás, vence todos os dias – a deficiência de infância. Vindo jovem da aldeia de Lagares, Penafiel, fez o seu curso de História na Universidade de Coimbra, com pós-graduação em Ciências Documentais, ao mesmo tempo que trabalhava na Biblioteca Municipal de Coimbra. Depois tornou-se técnico superior da Universidade, onde está há 29 anos, no Arquivo, no Serviço de Documentação e Publicações e, mais recentemente, no Centro de Serviços Comuns da Administração - SGA. Tudo isto com dificuldades notórias de locomoção que nunca o esmoreceram, pois vejo-o sempre bem disposto. O Ilídio, graças em primeiro lugar a ele e depois à sua família, mas também à sociedade que fomos formando e em que felizmente hoje vivemos, é um belo exemplo de inclusão. Ser diferente não significa que ele não se considere e que não seja considerado igual. Estou certo que, para o meu filho, que também teve como madrinha uma extraordinária mãe de um rapaz deficiente (não relacionada familiarmente com o padrinho), o convívio com o padrinho tem sido uma lição de vida.

Da leitura deste livro (onde além da capacidade do historiador ressaltam os conhecimentos de artes gráficas do autor), não pode deixar de resultar a rejeição do “preconceito do coitadinho”, tão arreigado na nossa antiga sociedade rural, mas hoje, tal como a poliomielite, erradicado no nosso país. Custou mais terminar com o preconceito do que com a doença, porque contra o preconceito não há vacina. E é, por isso, que o preconceito ainda hoje por vezes assoma. É nossa obrigação preveni-lo através da educação inclusiva.

Por falar de vacina, não posso deixar, como praticante da divulgação da ciência, de aproveitar o espaço que o Ilídio generosamente me concede na sua obra, por

repetir aqui o que afirmo amiúde nas minhas palestras de divulgação da ciência: o incremento da longevidade, que pressupõe a eliminação de causas de morte prematura como certas epidemias graves, é um dos grandes triunfos da ciência moderna. Na segunda metade do século XX, assistimos todos ao fim, em quase todo o globo, de doenças que costumavam ser fatais. Eu sou praticamente da idade do Ilídio (não chego a ser um ano mais velho) e podia, portanto, ter sido infectado, em tenra idade, pelo vírus da pólio. Mas os nossos filhos, o Luís e o Duarte, já não, porque engoliram as gotas “mágicas” da vacina anti-pólio. Os médicos virologistas Hilary Koprowski, de origem polaca, mas naturalizado estado-unidense, Jonas Salk, norte-americano, e Albert Sabin, de origem russa, mas também norte-americano, cujos primeiros ensaios vacínicos foram realizados respectivamente em 1950, em 1952 e em 1957, permitiram que a campanha alargada de vacinação anti-pólio tivesse começado em Portugal em 1965, depois de alguma experiência no início da década de 60. É curioso que o judeu Koprowski tenha passado por Portugal ao fugir da França ocupada pelos nazis, viajando para o Brasil antes de se fixar nos Estados Unidos. Por sua vez, Sabin, que também era judeu, emigrou para o Novo Mundo entre as duas guerras, tendo estado várias vezes no Brasil, o que lhe valeu o ensejo de casar com uma brasileira, a senhora Heloísa de Abranches.

Para reconhecer o grande triunfo sobre a doença que foi a vacinação, basta mencionar que a epidemia de 1952 foi horrível (58.000 casos, que resultaram em 1445 mortes e 21.269 paralisias permanentes), sendo o medo da poliomielite apenas comparável ao da bomba atómica, o espectro que pairava sobre o mundo no pós-guerra. As consequências primeiro do dessa grande epidemia e depois da prevenção através da vacina (a cura continua a ser um enorme desafio para a medicina) foram enormes, tanto no campo das ciências médicas, como na sociedade em geral: o progresso da medicina intensiva teve muito a ver com o combate à pólio, a fisioterapia desenvolveu-se associada ao tratamento dos pólios, a filantropia floresceu com a necessidade de assegurar a vacinação maciça e os direitos dos deficientes foram-se afirmando socialmente, com a criação de associações e a inclusão bem sucedida.

Jonas Salk recusou patentear a sua vacina, perguntando: “Acaso se pode patentear o Sol?”. E a vacina passou a ser, como o sol, para todos. Hoje em dia, graças à vacina anti-pólio, só existe poliomielite na Nigéria, no Afeganistão e no Paquistão, embora, devido às péssimas condições sanitárias em cenários de guerra, estão a aparecer

casos na Síria e no Iraque. A vacina anti-poliomielite representou o início de outras vacinas, que os cientistas foram descobrindo e disponibilizando. A recente campanha anti-vacinas que surgiu nalguns países desenvolvidos, designadamente ao associar de maneira fraudulenta a vacina tríplice (sarampo, rubéola e papeira) a casos de autismo, é um movimento anti-científico que tem de ser denunciado e combatido por todos os meios.

O livro do Ilídio é um depoimento, muito autêntico, de um tempo em que a humanidade passou de uma fase que certas doenças eram temidas fatalidades para um tempo em que elas não passam de impossibilidades, se conseguirmos que o conhecimento prevaleça sobre a ignorância. O seu escrito pode parecer apenas um depoimento pessoal. Mas é bem mais do que isso: é um documento histórico que importa divulgar e preservar, para que aprendamos com a experiência. Neste caso não apenas a experiência que a medicina proporciona, mas também a experiência das ligações humanas. Muito obrigado, Ilídio!

Coimbra, novembro de 2015

Carlos Fiolhais